

LUIZ GRANZOTTO/PMC

Por Ana Carolina Martins

Não foi de um dia para o outro que a antiga estação ferroviária deixou de ser o coração pulsante de Campinas. Durante décadas, o movimento foi diminuindo lentamente, sem que se percebesse. Um trem deixava de circular... Outro passava a fazer menos paradas... As plataformas, antes tomadas por passageiros, agora tinham espaços vazios.

Era o reflexo de uma mudança nacional.

A partir da década de 1950, o Brasil passou a investir nas rodovias. A indústria automobilística crescia e os caminhões passaram a transportar a maior parte das cargas, enquanto os ônibus assumiram o protagonismo no deslocamento de passageiros. O sistema ferroviário, que havia impulsionado o desenvolvimento paulista desde o século XIX, entrou em um longo processo de decadência.

Campinas sentiu profundamente essa realidade.

Uma cidade que havia crescido ao redor dos trilhos precisou reaprender a viver sem eles. Muitos ferroviários se aposentaram, outros foram transferidos, oficinas encerraram as suas atividades e parte do enorme complexo ferroviário perdeu a sua função original. O lugar que durante décadas simbolizou progresso parecia condenado ao abandono.

Mas a história reservava outro destino para aquele patrimônio.

Em 1982, o conjunto da antiga estação foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat). A decisão garantiu a preservação de um dos mais importantes exemplares da arquitetura ferroviária paulista, impedindo que o complexo sofresse descaracterizações irreversíveis.

Mais tarde, o patrimônio recebeu a proteção em âmbito municipal, consolidando o seu reconhecimento histórico e afetivo, sendo que o tombamento não preservava apenas a construção, mas também a memória de uma cidade inteira.

Mesmo assim, os anos seguintes ainda foram marcados por incertezas.

A ferrovia já não desempenhava o papel de antes, e muitos campineiros assistiam com tristeza ao envelhecimento de um espaço que havia sido palco de tantas histórias. O sentimento era comum entre diferentes gerações. Perder a estação significaria apagar parte da identidade de Campinas.

O último capítulo da ferrovia de passageiros foi escrito



Estação Cultura sediou a 1ª Feira Medieval Europeia na cidade. Patrimônio renasceu em 2002 como centro dedicado às artes, educação e convivência

Estação Cultura: rodovias silenciaram as ferrovias

Após tombamento, complexo passou a receber eventos diversos, de cultura a negócios



PREFEITURA DE CAMPINAS

O 10º Encontro de Ferreomodelismo da Região Metropolitana de Campinas foi realizado na Estação Cultura

no dia 15 de março de 2001, quando partiu da estação o último trem regular operado pela Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), encerrando um serviço iniciado 129 anos antes. Para muitos moradores, a despedida foi carregada de emoção. O encerramento de um ciclo que atravessou gerações.

Mas o destino da antiga estação não seria o esquecimento.

A Prefeitura de Campinas decidiu dar um novo significado ao espaço. Após obras de recuperação e adaptação, o complexo foi transformado em um grande centro dedicado às artes, à educação e à convivência. Em 11 de agosto de 2002, exatamente 130 anos após a

chegada do primeiro trem, o prédio renasceu oficialmente como Estação Cultura Prefeito Antônio da Costa Santos, em homenagem ao prefeito Toninho, assassinado em 2001 durante o exercício do seu mandato.

A escolha não poderia ser mais simbólica.

No mesmo dia em que, em 1872, Campinas celebrou a che-

gada da modernidade pelos trilhos, o município comemorava, 130 anos depois, o nascimento de um novo espaço voltado à preservação da memória e à produção cultural. Foi como se o prédio reencontrasse a sua vocação para reunir pessoas. Não mais para embarcar em vagões, mas para compartilhar experiências, conhecimento e arte.

Onde antes se ouviam locomotivas, há apresentações musicais. Os antigos armazéns recebem exposições, oficinas e feiras de artesanato. As plataformas tornaram-se palco para festivais, encontros culturais, eventos literários, apresentações de dança e manifestações populares. Crianças brincam onde um dia passaram composições carregadas de café. Jovens fotografam a arquitetura centenária. Casais caminham pelos trilhos preservados. Artistas encontram inspiração em um cenário que continua vivo, mesmo depois de tantas transformações.

Essa talvez seja a maior vitória da Estação Cultura. Ela conseguiu reinventar-se sem perder a sua alma.

São poucos os patrimônios históricos com força e capacidade de atravessar tantas mudanças mantendo intacta a qualidade de emocionar. A antiga estação não virou um museu estático. Continua cumprindo a sua missão de aproximar pessoas. Apenas mudou o caminho.

Os trens partiram.

O vapor desapareceu.

Os relógios já não regulam embarques.

Mas a estação continua cumprindo a sua missão mais importante: lembrar aos campineiros de onde vieram.